

ESCUТА CLÍNICA NO ENCONTRO ENTRE MULHERES NEGRAS

NATHANIELE COUTO DE AVILA¹; MIRIAM CRISTIANE ALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – coutonathy@icloud.com

²Universidade Federal de Pelotas – oba.olorioba@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Durante a escuta clínica de corpos pretos — principalmente corpos de mulheres pretas cisgênero —, no Acolhimento Psicológico e no Grupo Terapêutico “Conversando sobre Raça, Gênero e Sexualidade” do projeto de extensão “Diz Aí: clínica feminista e antirracista”, senti e percebi meu corpo implicado no processo terapêutico, uma presença mediada pelo espelhamento e pelo movimento dançante entre o meu corpo e o da pessoa atendida.

Perguntas emergiram: O que é a escuta clínica? O que pode a escuta clínica no encontro de corpos pretos, de mulheres negras? De que modo o encontro corpóreo e o reconhecimento de corpos pretos podem deslocar a escuta clínica? De que modo falar e ser ouvida de corpo interno?

Apostando na troca que ocorre na clínica, vou ao encontro de GONZAGA (2019) que expõe a importância do espelhamento para mulheres negras. A autora introduz o conceito ao descrever o processo de investigação, no qual nos convida a olhar o reflexo de um espelho no outro e nos ver, sem a expectativa de linearidade, nesse olhar, nos percebemos em um movimento espiral que transcende as limitações de tempo e espaço. Esse espelho traz à cena tanto aqueles que vieram antes de nós quanto aqueles que virão depois, permitindo-nos ouvir o eco de nossas próprias histórias e de muitas outras.

Enquanto estratégia de resistência e modos de identificação para a construção de uma escuta clínica de corpo inteiro e entre corpos pretos, encontro em bell hooks (2020) caminhos através da conversação, que atua enquanto um dispositivo de trocas de sentidos e compreensão. A autora entende que “todas as raças, classes e gêneros, todas as pessoas se envolvem em conversação” (HOOKS, 2020, p. 82)

O presente estudo emerge de minhas vivências e inquietações corpóreas enquanto estagiária preta de psicologia; dos meus sentimentos e percepções de que minhas vivências não eram apenas singulares, mas também coletivas, pois diziam do percurso de muitas estudantes pretas da psicologia. Emmerge da experiência de estágio obrigatório no curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas, no projeto de extensão “Diz Aí: clínica feminista e antirracista”, o qual atende a comunidade interna e externa da universidade. E, portanto, tem como objetivo problematizar a escuta clínica a partir do encontro entre mulheres negras — estagiária de psicologia e pessoa atendida.

2. METODOLOGIA

Os conceitos conversação e espelhamento são usados enquanto um exercício para pensarmos além dos roteiros do colonialismo, visamos entender como meu corpo preto se produz potente durante a escuta clínica de outras mulheres pretas. A partir desses gestos metodológicos que escrevivo como quem conta uma história, ocupo o espaço psicoterapêutico observando e sentindo os gestos e mobilizações que ocorrem na troca, não inscrevo meu corpo apenas como

observador neutro, mas sim enquanto potência para criação, transformação, (re)existência. Vou ao encontro de EVARISTO (2017) que me apresenta a escrevivência, afirmando que todas as histórias quando são contadas, são inventadas, mesmo as reais. Nesse processo, a autora ocupa o espaço que se estende entre a invenção e o acontecimento, aproveitando essa profundidade para elaborar uma narrativa única que direciona o foco para um engajamento coletivo. A escrevivência representa o ponto de origem de uma coletividade, especialmente a das mulheres negras e pobres. Mulheres que se revelam e se reconhecem como parte de uma coletividade e é por meio desse processo, após tanto tempo silenciado, que elas emergem com suas próprias vozes (SOARES & MACHADO, 2017).

Para dar corpo às inquietudes que nos impulsionam escrever, encontramos na narrativa ficcional possibilidades de construção do saber, para além de verossimilar de uma verdade, e sim enquanto performance movente de afetos que geram corpos e realidades. As narrativas apresentadas vão ao encontro do outro, ela atua enquanto uma performance de fuga das normas coloniais, são movidas pela atrevivência, a qual é a junção dos verbos atrever e viver como possibilidade de escapar das estruturas da colonialidade (SANT'ANNA, 2021). Logo, as narrativas emergem como uma via para enunciar os encontros e narrar as histórias que me afetaram durante a escuta clínica de mulheres pretas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Flávia chegou ao grupo eufórica, falando: “Eu não sei quem eu sou” deixando todos confusos, a psicóloga pede para ela compartilhar esse pensamento. “É, eu sinto que não sei quem eu sou. Eu nem sabia que era preta antes de entrar aqui... Sinto que não me conheço e em todos os lugares tenho que dançar conforme a música e não como quero dançar.” Afirma Flávia, após um tempo de reflexão, continua “Eu nem sei como quero dançar, nunca ponderei criar coreografias, passos. Eu sempre reproduzo os prontos, sabe?” Outra participante do grupo complementa: “E a maioria dessas danças falta giro, movimento!” Após enxergar diversas cabeças assentindo, ela continua: “Percebo que toda semana a gente cria um passo novo aqui, semana passada a gente percebeu como era bom dançar com o cabelo solto, mesmo que ele vá pra cima e não para baixo”. Após um período de risadas, Inês retoma o fio seguido por Flávia: “Entendo tudo que a Flávia falou, lembro que no começo eu tinha medo de dançar descalça” Um coro de concordância se fez presente no espaço. Animada em compartilhar, Beatriz ressalta “Ah eu também! Morria de medo de me machucar, adoecer com tanta exposição. Mas foi o oposto né, que gostoso é chegar aqui e nos despirmos dos calçados que tanto nos apertam” Flávia complementa risonha: “Sem ninguém para julgar meu pé”.

Na história da psicologia no Brasil, os conhecimentos psicológicos foram utilizados para o controle, a segmentação e a diferenciação, para contribuir para a manutenção e incremento do lucro necessário à reprodução do capital, a psicologia foi usada enquanto dispositivo para a manutenção e perpetuação de políticas de embranquecimento da população, tendo em vista que a finalidade do trabalho do psicólogo era o ajuste e molde de corpos (YAMAMOTO & OLIVEIRA, 2010). Quanto ao percurso da psicologia e o estudo das relações étnico-raciais, no Brasil, pode ser divida em três momentos primordiais: o surgimento de um modelo de atuação para o psicólogo, a ascensão das discussões sobre relações raciais e as definições de raça.

O surgimento de um modelo médico-psicológico de atuação resultou na Escola Nina Rodrigues, cuja produção científica relacionou raça às patologias psiquiátricas e às tipologias criminais (SANTOS et al., 2012). Quando a psicologia passa a questionar concepções dominantes e começa a assegurar os direitos humanos, seus estudos passam a compreender a raça como categoria social, que constitui, diferencia, hierarquiza e localiza os sujeitos em nossa sociedade (SCHUCMAN & MARTINS, 2017).

Deste modo, uma escuta clínica distante da sociogênese leva a não observação das raízes econômicas e sociais do sofrimento psíquico e leva o psicólogo a uma alienação colonial. A sociogênese termo proposto por Frantz Fanon (1925-1961) propõe um traço entre as condições sociais e os efeitos subjetivos das violências do colonialismo e do capitalismo, e coloca luz sobre o modo como esta condição produz a alienação do sujeito negro, as significações de sua pele - ao lado da filogenia e da ontogenia, há a sociogenia (ROSA, 2022). A escuta clínica foi vivida por mim, foi forjada tanto na singularidade de cada mulher preta atendida - pensando na ontogênese, quanto na dimensão coletiva das experiências relatadas - pensando na sociogênese.

A escuta clínica transcende a mera audição, de modo que para uma prática clínica eficaz é preciso ouvir com o corpo inteiro; e eu acrescento que é preciso ouvir com o corpo inteiro e com o contexto sócio-político vivido. A escuta clínica se revela poderosa quando se abre para a manifestação e acolhimento dos contextos de vulnerabilidade social e discriminação (LIMA; LIMA, 2020), desde uma análise interseccional.

Foi nesse processo que o espelhamento e a conversação operaram em minha escuta clínica. Durante os encontros com as mulheres pretas, estive presente tanto como reflexo quanto como criadora de reflexões. Reconheci a mim mesma nas outras, e elas se reconheceram em mim. Desde o lugar que me competia no espaço terapêutico, desenvolvemos conversações mediadas pelo espelhamento. Juntas, encaramos de cabeça erguida a estrutura compartilhada que deu origem e continua a gerar tantos aspectos violentos em nossa história (GONZAGA, 2019).

Ser mulher e preta é romper incansavelmente as correntes do racismo, sexismo e as violências impostas pelo colonialismo. O sucesso da colonização se mede na capacidade não apenas de colonizar territórios geográficos, mas na capacidade também de colonizar territórios existenciais, o inconsciente (VEIGA, 2019). E o espelhamento e a conversação no encontro com mulheres pretas na escuta clínica, foram fundamentais para problematização da estrutura colonial.

COLLINS (2019) nos conta que embora a dominação seja inevitável enquanto fato social, é em espaços seguros onde mulheres pretas tenham permissão para falar livremente que se criam condições para os movimentos de resistência destas mulheres. A escuta clínica entre corpos de mulheres pretas se propõe a formar espaços não apenas seguros, mas de resistência à objetificação e silenciamento destas mulheres.

4. CONCLUSÕES

Durante a produção utilizamos dos movimentos corpóreos sentidos nos encontros enquanto uma ferramenta dançante e potente, entendemos que o estudo vai além da materialidade do corpo, e sim ao resgate do protagonismo de mulheres negras.



Portanto, o estudo não apenas contribui para a formação acadêmica da autora, mas também oferece uma valiosa contribuição para a prática clínica e para a construção de espaços de escuta que sejam verdadeiramente inclusivos e sensíveis às necessidades das comunidades marginalizadas. É um convite para a psicologia abraçar uma abordagem mais humanizada, consciente das experiências vividas por corpos negros e comprometida com a transformação social e a justiça.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLLINS, P. H. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Boitempo editorial, 2019.

EVARISTO, C. Itaú Cultural. **O ponto de partida da escrita — Ocupação Conceição Evaristo,** 2017.

GONZAGA, P. R. B. “**A gente é muito maior, a gente é um corpo coletivo**”: produções de si e de mundo a partir da ancestralidade, afetividade e intelectualidade de mulheres negras lésbicas e bissexuais. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia) -Curso de Pós-graduação em Psicologia, UFMG.

HOOKS, B. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática.** São Paulo, Editora Elefante, 2020.

LIMA, P. M. R.; LIMA, S. C.. Psicanálise crítica: a escuta do sofrimento psíquico e suas implicações sociopolíticas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasil, v. 40, e190256, 2020.

ROSA, S. S. **Eu não sou o seu negro: um estudo sobre sociogênese e identidade.** (2022)

SANT'ANNA JUNIOR, Ademiel. **Exercícios de Atrevivência.** 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SANTOS, A.O; SCHUCMAN, L. V., & MARTINS, H. V. Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais. **Psicologia: Ciência E Profissão**, 32, 166–175, 2012.

SCHUCMAN, L. V., & MARTINS, H. V. A Psicologia e o Discurso Racial sobre o Negro: do “Objeto da Ciência” ao Sujeito Político. **Psicologia: Ciência E Profissão**, 37(spe), 172–185, 2017.

SOARES, L. V; MACHADO, P. S. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Revista Psicologia Política**, v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017.

VEIGA, L. M. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, p. 244-248, 2019.

YAMAMOTO, O. H.; OLIVEIRA, I. F. de . Política Social e Psicologia: uma trajetória de 25 anos. **Psicologia: Teoria E Pesquisa**, 26(spe), 9–24. 2010.